



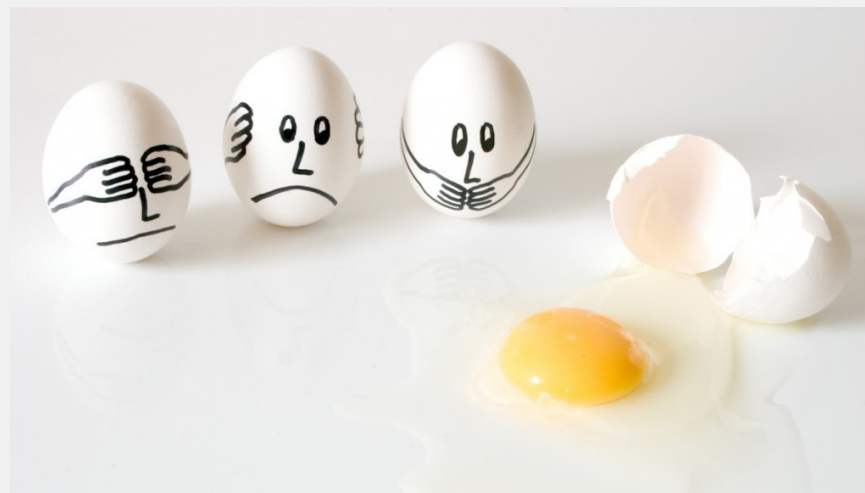
PAX CHRISTI PORTUGAL

A misericórdia é o coração de Deus. Por isso deve ser também o coração de todos aqueles que se reconhecem membros da única grande família dos seus filhos; um coração que bate forte onde quer que esteja em jogo a dignidade humana, reflexo do rosto de Deus nas suas criaturas. Jesus adverte-nos: o amor aos outros – estrangeiros, doentes, encarcerados, pessoas sem-abrigo, até inimigos – é a unidade de medida de Deus para julgar as nossas acções. Disso depende o nosso destino eterno. [...]

[S]omos chamados a fazer do amor, da compaixão, da misericórdia e da solidariedade um verdadeiro programa de vida, um estilo de comportamento nas relações de uns com os outros.

PAPA FRANCISCO

(Mensagem para o 49º Dia Mundial da Paz, 1 de Janeiro de 2015)



**Superar a indiferença
para alcançar a paz**



Pax Christi Portugal

A/c CRC

Rua Castilho, 61 – 2º Dtº

1250-068 LISBOA

Tel. 910864455

E-mail: paxchristi_pt@hotmail.com

Webpage: <http://www.paxchristiportugal.net>

Lisboa
Dezembro de 2015

CONTRIBUTOS PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA PAZ

Temas anteriores

- * *Artífices de fraternidade, não de escravidão – 2015*
- * *Viver como irmãos e irmãs, fundamento e caminho para a paz – 2014*
- * *Artífices e testemunhas da paz entre tod@s – 2013*
- * *A Justiça e a Paz também se aprendem – 2012*
- * *Promover e Defender a Liberdade Religiosa é Construir a Paz – 2011*
- * *Cuidar da Criação é Construir a Paz – 2010*
- * *Combater a Pobreza é Construir a Paz – 2009*
- * *A Família Humana e a Paz – 2008*
- * *A Pessoa Humana, Coração da Paz - 2007*

PAX CHRISTI PORTUGAL

**Superar a indiferença
para alcançar a paz**

CONTRIBUTOS PARA A CELEBRAÇÃO DO
49º DIA MUNDIAL DA PAZ
1 DE JANEIRO 2016

Lisboa
Dezembro de 2015

TEMAS DAS MENSAGENS PARA O DIA MUNDIAL DA PAZ (1968-2016)

Superar a indiferença para alcançar a paz. Contributos para a Celebração do 49º Dia Mundial da Paz. 1 de Janeiro 2016

Produzido por: Pax Christi Portugal

Dezembro de 2015

Disponível on-line em: <http://www.paxchristiportugal.net>
<http://blogdapax.blogspot.com>

PAULO VI

1968: O 1º de Janeiro: Dia Mundial da Paz
1969: A promoção dos direitos do homem, caminho para a paz
1970: Educar-se para a paz através da reconciliação
1971: Todo o homem é meu irmão
1972: Se queres a paz, trabalha pela justiça
1973: A paz é possível
1974: A paz também depende de ti
1975: A reconciliação, caminho para a paz
1976: As verdadeiras armas da paz
1977: Se queres a paz, defende a vida
1978: Não à violência, sim à paz

JOÃO PAULO II

1979: Para alcançar a paz, educar para a paz
1980: A verdade, força da paz
1981: Para servir a paz, respeita a liberdade
1982: A paz: dom de Deus confiado aos homens
1983: O diálogo para a paz, um desafio para o nosso tempo
1984: De um coração novo nasce a paz
1985: A paz e os jovens caminham juntos
1986: A paz é um valor sem fronteiras. Norte-Sul, Leste-Oeste: uma só paz
1987: Desenvolvimento e solidariedade, chaves da paz
1988: Liberdade religiosa, condição para a convivência pacífica
1989: Para construir a paz, respeitar as minorias
1990: Paz com Deus criador, paz com toda a criação
1991: Se queres a paz, respeita a consciência de cada homem
1992: Os crentes unidos na construção da paz
1993: Se procuras a paz, vai ao encontro dos pobres
1994: Da família nasce a paz da família humana
1995: Mulher: educadora de paz

1996: Dêmos às crianças um futuro de paz
1997: Oferece o perdão, recebe a paz
1998: Da justiça de cada um nasce a paz para todos
1999: No respeito dos direitos humanos o segredo da verdadeira paz
2000: “Paz na terra aos homens, que Deus ama!”
2001: Diálogo entre as culturas para uma civilização do amor e da paz
2002: Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão
2003: “*Pacem in terris*”: um compromisso permanente
2004: Um compromisso sempre actual: educar para a Paz
2005: Não te deixes vencer pelo mal, vence antes o mal com o bem

BENTO XVI

2006: Na verdade, a paz
2007: A pessoa humana, coração da paz
2008: Família humana, comunidade de paz
2009: Combater a pobreza, construir a paz
2010: Se quiseres cultivar a Paz, preserva a Criação
2011: Liberdade Religiosa, Caminho para a Paz
2012: Educar os jovens para a justiça e a paz
2013: Bem-aventurados os Obreiros da Paz

FRANCISCO

2014: Fraternidade, fundamento e caminho para a paz
2015: Já não escravos, mas irmãos
2016: Vence a indiferença e conquista a paz

- Escolher um objecto e/ou artigo e imaginar a sua história desde o estado de matéria prima, dando especial relevo às pessoas que trabalharam para a sua transformação. Escrever a história colectivamente.
- Identificar com as crianças as pessoas de quem dependemos para poder viver: quem constrói as casas. Quem fabrica o pão, quem faz as roupas, etc. Fazer painéis com colagens a partir deste trabalho.
- Tentar analisar as razões que nos levam a ter medo das pessoas que são diferentes de nós.



Oração de S. Francisco

Utilize o postal com a oração de S. Francisco — disponível em http://www.paxchristiportugal.net/Storage/EduPaz/Oracao_SFrancoisco_crianças_A6.pdf — com as crianças.

Convide-as a lerem juntas a oração e depois a pensarem como cada um de nós pode ser uma pessoa que traz a paz de Deus ao mundo.

As crianças podem escrever as suas próprias orações para a paz e colorirem e decorarem o postal para ser oferecido a um amigo ou familiar.



SUMÁRIO

EM JEITO DE INTRODUÇÃO

O perigo de certos alibis 7

MENSAGEM PARA A CELEBRAÇÃO DO 49º DIA MUNDIAL DA PAZ

Vence a indiferença e conquista a paz..... 9

VEMOS, OUVIMOS E LEMOS...

Mar Mediterrâneo... um cemitério de refugiados 19

2014: Novo recorde na deslocação global 20

15 novos conflitos surgiram ou foram retomados nos últimos 5 anos 21

Número de mortes por terrorismo aumenta 80% em 2014 22

Homicídio vitimou aproximadamente 475 mil pessoas
em todo o mundo em 2012 23

1.674 mil milhões de euros gastos em despesas militares, em 2014 24

Cristianismo: religião mais perseguida em todo o mundo 25

... NÃO PODEMOS FICAR INDIFERENTES!

Os Perigos da indiferença 27

Vencer a indiferença para conquistar a paz..... 29

A Paz, como a guerra, depende de ti! 31

IDEIAS PARA TRABALHAR COM CRIANÇAS

SUGESTÕES PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA PAZ 2016	
Colectânea de Orações	33
Sugestões para assinalar o Dia Mundial da Paz e usar o tema	36
Ideias para trabalhar com crianças	39
TEMAS DAS MENSAGENS PARA O DIA MUNDIAL DA PAZ (1968-2016)	41
CONTRIBUTOS PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA PAZ	
Temas anteriores	43

Fomos feitos para viver juntos*

“Nunca pensaram que não podem sequer ir para a escola ou para o trabalho cada manhã, sem mostrar que estão dependentes de todos os outros homens?”

Levantamo-nos, tomamos banho pegando na esponja e esta veio de um indígena do Pacífico. Pegamos no sabonete e este veio das mãos de um francês. Passamos pela cozinha para beber café e este veio de um sul-americano. Se preferirmos o chá, este veio de um chinês. Se desejarmos chocolate, este veio de um africano. Estendendo a mão para pegar no pão e tocamos nas mãos calejadas de um cidadão de língua inglesa ou de um padeiro.

Antes de terminar o pequeno-almoço, já nos pusemos em contacto com pessoas de todo o mundo.

O nosso universo está assim estruturado: e não conseguiremos alcançar a paz enquanto não tivermos reconhecido este facto básico da estrutura interdependente de toda a realidade. Fomos feitos para viver juntos. A nossa realidade é intercomunicante.”

Martin Luther King (Adaptado)

POSSIBILIDADES DE EXPLORAÇÃO

1. Fazer uma pequena lista de objectos e produtos que as crianças conheçam bem e utilizem todos os dias (ex.: roupa, artigos escolares, produtos alimentares). Identificar para cada produto os seus países de origem.
Propor às crianças de procurem informação sobre esses países: fotografias, principais produções, características geográficas e culturais, etc. Cada criança pode ficar responsável por apresentar aos colegas um país.

* In *Com as Crianças Construir a Paz. Caderno de fichas para Professores e Animadores de grupos de crianças com idades entre os 6 e os 13 anos*. Lisboa: Pax Christi – Secção Portuguesa, 1995.

Celebre a Paz

Assinale e celebre, participe nas acções propostas, ao longo do ano, nos dias que de alguma forma estão relacionados com a temática da paz. Aqui fica uma lista!*

Janeiro

01: Dia Mundial da Paz

18: Dia Mundial do Migrante e do Refugiado

27: Dia Internacional de Comemoração em Memória das Vítimas do Holocausto

Fevereiro

08: Dia Internacional de Oração e Sensibilização contra o Tráfico Humano

20: Dia Mundial da Justiça Social

22: Dia Europeu da Vítima de Crime

Março

08: Dia Internacional da Mulher

21: Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial

25: Dia Internacional em Memória das Vítimas da Escravidão e do Comércio Transatlântico de Escravos

Abril

22: Dia Internacional da Mãe Terra

Maiο

15: Dia Internacional das Famílias

Junho

01: Dia Mundial da Criança

04: Dia Internacional das Crianças Inocentes Vítimas de Agressão

12: Dia Mundial contra o Trabalho Infantil

20: Dia Mundial dos Refugiados

26: Dia Internacional da Luta contra o Abuso e o Tráfico Ilícito de Drogas

Julho

18: Dia Internacional de Nelson Mandela

30: Dia Mundial contra o Tráfico de Seres Humanos

Agosto

23: Dia Internacional de Recordação do Tráfico de Escravos e da sua Abolição

Setembro

21: Dia Internacional da Paz

21: Dia Internacional de Oração pela Paz

Outubro

02: Dia Internacional da Não-violência

17: Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza

18: Dia Europeu de Luta contra o Tráfico de Seres Humanos

Novembro

25: Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres

Dezembro

02: Dia Internacional para a Abolição da Escravatura

10: Dia dos Direitos Humanos

18: Dia Internacional dos Migrantes

20: Dia Internacional da Solidariedade Humana

EM JEITO DE INTRODUÇÃO...

*O perigo de certos alibis**

Vivemos habitualmente num *alibi* tão fácil como falso, numa alienação tranquilizante de consciência: a Paz depende de todos os outros, dos exércitos ou dos governos, das Nações Unidas ou das nações nacionalistas desunidas, dos papas ou dos bispos, dos políticos ou dos economistas, dos *mass media* ou dos educadores, de todos enfim, menos da minha honesta e pacífica pessoa, sentada ao canto da minha lareira ou a cultivar o meu jardim...

Pois bem: a Paz – e também consequentemente a guerra – depende de ti. De ti, multiplicado evidentemente por milhões. Mas, cuidado, não vás já alienar-te nos milhões, alienar-te agora nos milhões de boas pessoas à tua imagem, como antes nos governos ou nos exércitos ou nos bispos!...

De ti, de cada indivíduo, multiplicado por milhões, sem dúvida. Mas, se não desmultiplicamos esses milhões, se não reduzimos essas massas humanas às unidades, ao indivíduo, à consciência humana, à responsabilidade pessoal, numa palavra, se não responsabilizamos o coletivo, para que falar aqui, para que falar em Igreja inerme, para que tratar de fé e de moral?!

Mens agitat molem uma inteligência ou uma consciência pessoal pode agitar a massa; mas a massa, por si, não tem inteligência nem consciência, não é capaz de fé nem de moral. Inútil falar às massas: e, neste sentido, inútil falar aos exércitos ou aos governos, órgãos ou expressão das massas...

Com um Pascal ou um S. Agostinho, digamo-nos a nós mesmos, cheios de toda a possível convicção, razão e eficácia: a primeira obrigação moral do homem é esforçar-se por pensar, e pensar bem, é amar muito a sua pobre inteligência. Este amor e esta obrigação traduzem-se para nós, neste momento e quanto a este problema, numa constatação moral, que resulta num imperativo categórico: a Paz, como a guerra, a guerra, como a Paz, depende de ti!

D. António Ferreira Gomes
A paz depende de ti. 1 de Janeiro de 1974

* Mais dias: <http://www.un.org/en/sections/observances/international-days>

* D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES — *Homilias da Paz (1970-1982)*. Porto: Fundação Spes, 1999, p. 71-72

«Saibam que todas as vezes que fizeram [deixaram de fazer] isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizeram [deixaram de fazer]»

(Mt 25,40.45)



SABIA QUE...?	SIM/ NÃO	QUE SENTIMENTOS LHE DESPERTAM ESTAS INFORMAÇÕES?	O QUE PODE/ ESTÁ DISPOSTO(A) A FAZER?
No final de 2014, o número de pessoas forçadas a deixar as suas casas, por motivo de guerras, conflitos e perseguições, atingiu os 59,5 milhões de migrantes forçados.			
Metade dos refugiados no mundo são jovens e crianças menores de 18 anos			
Nos últimos cinco anos, iniciaram-se pelo menos 15 conflitos ou foram retomados: 8 na África (Costa do Marfim, República Centro Africana, Líbia, Mali, nordeste da Nigéria, República Democrática do Congo, Sudão do Sul e Burundi, este ano); 3 no Médio Oriente (Síria, Iraque e Iémen); 1 na Europa (Ucrânia); e 3 na Ásia (Quirguistão e em diferentes áreas de Mianmar e Paquistão).			
Em 2013, 19,5% das pessoas residentes em Portugal estavam em risco de pobreza; destas, uma em cada cinco encontrava-se também em pobreza em pelo menos dois dos três anos anteriores. As crianças foram o grupo populacional onde o risco de pobreza foi mais elevado (25,6%).			
Nos últimos 20 anos terão morrido cerca de 31.500 migrantes na tentativa de chegar ao espaço europeu. Só entre 2011 e 2015 (Abril) contam-se 11.028 mortos.			



Pode ainda utilizar os cartazes que a Pax Christi elaborou e com os quais se pode organizar uma pequena exposição a partir da qual pode realizar-se a actividade aqui proposta (substituindo a primeira coluna da tabela pelos cartazes da exposição). Pode descarregar os cartazes a partir de http://www.paxchristiportugal.net/Storage/TeoPaz/dmp2016_A3.pdf.

SUGESTÕES PARA ASSINALAR O DIA MUNDIAL DA PAZ E USAR O TEMA

PARA ALÉM DE UMA EUCARISTIA PELA PAZ, PODE-SE ORGANIZAR UMA PARALITURGIA PELA PAZ, UMA VIGÍLIA DA PAZ OU OUTRO TIPO DE EVENTO BASEADO NO TEMA: *VENCE A INDIFERENÇA E CONQUISTA A PAZ*.

PROPOSTAS PARA ATIVIDADES*

Sabia que...?

Use a tabela que se segue fazendo cópias para entregar a cada pessoa do grupo individualmente.

Dê algum tempo para as pessoas lerem as informações e responderem às perguntas (15 minutos são o suficiente).

Depois de todos terem respondido, abra o debate:

- Já sabiam, conheciam estes dados?
- Que reacção vos provocam (provocaram)?

Registar num quadro/folha grande os sentimentos e reacções. Debater o porquê dos mesmos.

- Ficámos indiferentes? Porque achamos que nada podemos fazer? Sentimo-nos impotentes? São realidades distantes de nós? Fizemos alguma coisa? O quê? Podemos fazer alguma coisa? Ou fazer mais?

É importante que a actividade termine com uma lista de acções possíveis para que cada um possa escolher e comprometer-se com alguma coisa. O animador deve, por isso, ter algumas sugestões preparadas para o caso do grupo não ter propostas.

A actividade pode realizar-se com um grupo grande transformando a tabela em cartaz/painel a preencher com a colaboração de todos os presentes.

Os dados/informações podem também ser alterados e actualizados.

* As atividades aqui propostas podem ser realizadas com pessoas de todas as idades desde que o animador adapte a linguagem de acordo com as características dos elementos do grupo.

MENSAGEM PARA A CELEBRAÇÃO DO 49º DIA MUNDIAL DA PAZ

VENCE A INDIFERENÇA E CONQUISTA A PAZ*

1. *Deus não é indiferente; importa-Lhe a humanidade! Deus não a abandona!* Com esta minha profunda convicção, quero, no início do novo ano, formular votos de paz e bênçãos abundantes, sob o signo da esperança, para o futuro de cada homem e mulher, de cada família, povo e nação do mundo, e também dos chefes de Estado e de governo e dos responsáveis das religiões. Com efeito, não perdemos a esperança de que o ano de 2016 nos veja a todos firme e confiadamente empenhados, nos diferentes níveis, a realizar a justiça e a trabalhar pela paz. Na verdade, esta é dom de Deus e trabalho dos homens; a paz é dom de Deus, mas confiado a todos os homens e a todas as mulheres, que são chamados a realizá-lo.

CONSERVAR AS RAZÕES DA ESPERANÇA

2. Embora o ano passado tenha sido caracterizado, do princípio ao fim, por guerras e actos terroristas, com as suas trágicas consequências de sequestros de pessoas, perseguições por motivos étnicos ou religiosos, prevaricações, multiplicando-se cruelmente em muitas regiões do mundo, a ponto de

assumir os contornos daquela que se poderia chamar uma «terceira guerra mundial por pedaços», todavia alguns acontecimentos dos últimos anos e também do ano passado incitam-me, com o novo ano em vista, a renovar a exortação a não perder a esperança na capacidade que o homem tem, com a graça de Deus, de superar o mal, não se rendendo à resignação nem à indiferença. Tais acontecimentos representam a capacidade de a humanidade agir solidariamente, perante as situações críticas, superando os interesses individualistas, a apatia e a indiferença.

Dentre tais acontecimentos, quero recordar o esforço feito para favorecer o encontro dos líderes mundiais, no âmbito da Cop21, a fim de se procurar novos caminhos para enfrentar as alterações climáticas e salvaguardar o bem-estar da terra, a nossa casa comum. E isto remete para mais dois acontecimentos anteriores de nível mundial: a Cimeira de Adis-Ababa para arrecadação de fundos destinados ao desenvolvimento sustentável do mundo; e a adopção, por parte das Nações Unidas, da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sus-

* http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20151208_messaggio-xlix-giornata-mondiale-pace-2016.html.

tentável, que visa assegurar, até ao referido ano, uma existência mais digna para todos, sobretudo para as populações pobres da terra.

O ano de 2015 foi um ano especial para a Igreja, nomeadamente porque registou o cinquentenário da publicação de dois documentos do Concílio Vaticano II que exprimem, de forma muito eloquente, o sentido de solidariedade da Igreja com o mundo. O Papa João XXIII, no início do Concílio, quis escancarar as janelas da Igreja, para que houvesse, entre ela e o mundo, uma comunicação mais aberta. Os dois documentos — *Nostra aetate* e *Gaudium et spes* — são expressões emblemáticas da nova relação de diálogo, solidariedade e convivência que a Igreja pretendia introduzir no interior da humanidade. Na Declaração *Nostra aetate*, a Igreja foi chamada a abrir-se ao diálogo com as expressões religiosas não-cristãs. Na Constituição pastoral *Gaudium et spes* — dado que «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo»[1] —, a Igreja desejava estabelecer um diálogo com a família humana sobre os problemas do mundo, como sinal de solidariedade, respeito e amor.[2]

Nesta mesma perspectiva, com o Jubileu da Misericórdia, quero convidar a Igreja a rezar e trabalhar para que cada cristão possa maturar um coração humilde e compassivo, capaz de anunciar e testemunhar a misericórdia, de «perdoar e dar», de abrir-se «àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais, que muitas vezes o mundo contemporâneo cria de forma dra-

mática», sem cair «na indiferença que humilha, na habitação que anestesia o espírito e impede de descobrir a novidade, no cinismo que destrói».[3]

Variadas são as razões para crer na capacidade que a humanidade tem de agir, conjunta e solidariamente, reconhecendo a própria interligação e interdependência e tendo a peito os membros mais frágeis e a salvaguarda do bem comum. Esta atitude de solidária corresponsabilidade está na raiz da vocação fundamental à fraternidade e à vida comum. A dignidade e as relações interpessoais constituem-nos como seres humanos, queridos por Deus à sua imagem e semelhança. Como criaturas dotadas de inalienável dignidade, existimos relacionando-nos com os nossos irmãos e irmãs, pelos quais somos responsáveis e com os quais agimos solidariamente. Fora desta relação, passaríamos a ser menos humanos. É por isso mesmo que a indiferença constitui uma ameaça para a família humana. No limiar dum novo ano, quero convidar a todos para que reconheçam este facto a fim de se vencer a indiferença e conquistar a paz.

ALGUMAS FORMAS DE INDIFERENÇA

3. Não há dúvida de que o comportamento do indivíduo indiferente, de quem fecha o coração desinteressando-se dos outros, de quem fecha os olhos para não ver o que sucede ao seu redor ou se esquia para não ser abalroado pelos problemas alheios, caracteriza uma tipologia humana bastante difundida e presente em cada época da história; mas, hoje em dia, superou decididamente o âmbito individual para assumir uma dimensão global, gerando o fenómeno da «globalização da indiferença».

SENHOR, PEDIMOS-TE PAZ

Senhor, pedimos-te
Paz para aqueles que choram em silêncio;
Paz para aqueles que não podem falar;
Paz quando a esperança parece desaparecer.

No meio da ira, da violência e da decepção,
No meio de guerras e destruição da terra:
Senhor, mostra-nos a tua luz na escuridão.

Senhor, pedimos-te
Paz para aqueles que levantam a sua voz
para a exigir,
Paz quando há muitas pessoas
que não querem ouvir falar dela,
Paz enquanto encontramos o caminho
para a justiça.

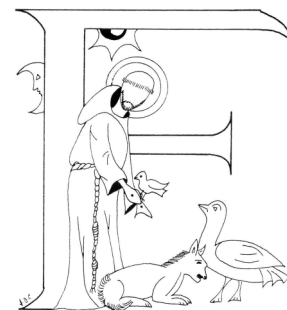
Conselho Mundial de Igrejas

ORAÇÃO PELA PAZ

Senhor, Deus da paz,
Tu que criaste os seres humanos
para serem herdeiros da Tua glória,
nós Te bendizemos e agradecemos
porque nos enviaste Jesus,
Teu Filho muito amado.
Fizeste dEle, no mistério da Sua Páscoa,
o realizador da nossa salvação,
a fonte de toda paz,
o laço de toda fraternidade.

Senhor, Deus da paz,
nós Te damos graças pelos desejos,
pelos esforços e pelas realizações
que o teu Espírito de paz
tem suscitado no nosso tempo,
para substituir o ódio pelo amor,
a desconfiança pela compreensão,
a indiferença pela solidariedade.
Abre ainda mais o nosso espírito
às exigências concretas do amor
de todos os nossos irmãos e irmãs,
para que possamos ser, cada vez mais,
construtores de paz.
Por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amén.

Beato Paulo VI



ORAÇÃO PELA PAZ,

ATRIBUÍDA A S. FRANCISCO DE ASSIS

Senhor,
faizei de mim um instrumento da vossa paz:
onde houver ódio, que eu leve o amor;
onde houver ofensa, que eu leve o perdão;
onde houver discórdia, que eu leve a união;
onde houver dúvida, que eu leve a fé;
onde houver erro, que eu leve a verdade;
onde houver desespero, que eu leve a esperança;
onde houver tristeza, que eu leve a alegria;
onde houver trevas, que eu leve a luz.

Senhor, faizei que eu procure mais:
consolar, que ser consolado,
compreender que ser compreendido,
amar que ser amado.

Pois é dando que se recebe,
é perdando que se é perdoado,
e é morrendo que se ressuscita para a vida eterna!

PELA PAZ E PELA JUSTIÇA SOCIAL

Ó Deus,
juntaste-nos a todos nesta vida,
embora sejamos tão diferentes;
dá-nos a graça de compreender
quanto dependemos da coragem,
da competência, da honestidade
e da integridade de homens e mulheres
que desconhecemos
mas são nossos companheiros de peregrinação;
torna-nos conscientes das suas necessidades,
gratos pela sua fidelidade,
e responsáveis para com eles.
Mediante Jesus Cristo, nosso Senhor. Amén.

Liturgia da Igreja Lusitana

[1] Conc. Ecum. Vat. II, Const. past. *Gaudium et spes*, 1.

[2] Cf. *ibid.*, 3.

[3] Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia *Misericordiae Vultus*, 14-15.

ONDE ESTÁ O SANGUE DO TEU IRMÃO?

Peçamos ao Senhor a graça de chorar pela nossa indiferença, de chorar pela crueldade que há no mundo, em nós, incluindo aqueles que, no anonimato, tomam decisões socioeconómicas que abrem caminho a dramas como os dos imensos emigrantes naufragados.

Senhor, pedimos perdão pela indiferença por tantos irmãos e irmãs;
pedimos-te perdão, Pai, por quem se acomodou, e se fechou no seu próprio bem-estar que leva à anestesia do coração;
pedimos-te perdão por aqueles que, com as suas decisões a nível mundial, criaram situações que conduzem a estes dramas.
Perdão, Senhor!

Senhor, faz que hoje ouçamos também as tuas perguntas: «Adão, onde estás?», «Onde está o sangue do teu irmão?»

*Papa Francisco
Adaptada da Homilia do em Lampedusa (08.07.2013)*

PERANTE A INJUSTIÇA ECONÓMICA E A POBREZA

Deus de Justiça, no nosso mundo há lugares em que transborda a comida;
mas há outros em que não se tem o suficiente e onde os famintos e os doentes são imensos.

Deus de Paz, no nosso mundo há pessoas que tiram proveito da violência e da guerra, enquanto outros, por causa da guerra e da violência, são obrigados a abandonar os seus lares e a tornarem-se refugiados.

Deus de Compaixão, ajuda-nos a compreender que não podemos viver apenas do dinheiro, mas que podemos viver da Palavra de Deus. Ajuda-nos a compreender que não podemos chegar à vida e à prosperidade verdadeira a não ser amando a Deus e obedecendo à sua vontade e aos seus ensinamentos.

Isto te pedimos em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amén.

Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos 2009



SENHOR DEUS DE PAZ, ESCUTA A NOSSA SÚPLICA!

Senhor Deus de Paz,
escuta a nossa súplica!

Abre os nossos olhos e os nossos corações
e dá-nos a coragem de dizer:

«nunca mais a guerra»;
«com a guerra, tudo fica destruído»!
Infunde em nós a coragem
de realizar gestos concretos
para construir a paz.

Senhor, Deus de Abraão e dos Profetas,
Deus Amor que nos criaste
e chamas a viver como irmãos,
dá-nos a força para ser cada dia
artesãos da paz;
dá-nos a capacidade de olhar
com benevolência todos os irmãos
que encontramos no nosso caminho.

Mantém acesa em nós
a chama da esperança
para efectuar, com paciente perseverança,
opções de diálogo e reconciliação,
para que vença finalmente a paz.
E que do coração de todo o homem
sejam banidas estas palavras:
divisão, ódio, guerra!
Senhor, desarma a língua e as mãos,
renova os corações e as mentes,
para que a palavra que nos faz encontrar
seja sempre «irmão»,
e o estilo da nossa vida
se torne: shalom, paz, salam!

Amén.

Papa Francisco. 08.06.2014

A primeira forma de indiferença na sociedade humana é a indiferença para com Deus, da qual deriva também a indiferença para com o próximo e a criação. Trata-se de um dos graves efeitos dum falso humanismo e do materialismo prático, combinados com um pensamento relativista e niilista. O homem pensa que é o autor de si mesmo, da sua vida e da sociedade; sente-se auto-suficiente e visa não só ocupar o lugar de Deus, mas prescindir completamente d'Ele; consequentemente, pensa que não deve nada a ninguém, excepto a si mesmo, e pretende ter apenas direitos.[4] Contra esta errónea compreensão que a pessoa tem de si mesma, Bento XVI recordava que nem o homem nem o seu desenvolvimento são capazes, por si mesmos, de se atribuir o próprio significado último;[5] e, antes dele, Paulo VI afirmara que «não há verdadeiro humanismo senão o aberto ao Absoluto, reconhecendo uma vocação que exprime a ideia exacta do que é a vida humana».[6]

A indiferença para com o próximo assume diferentes fisionomias. Há quem esteja bem informado, ouça o rádio, leia os jornais ou veja programas de televisão, mas fá-lo de maneira entorpecida, quase numa condição de rendição: estas pessoas conhecem vagamente os dramas que afligem a humanidade, mas não se sentem envolvidas, não vivem a compaixão. Este é o comportamento de quem sabe, mas mantém o olhar, o pensamento e a acção voltados para si mesmo. Infelizmente, temos de constatar que o aumento das informações, próprio do nosso tempo, não significa, de

por si, aumento de atenção aos problemas, se não for acompanhado por uma abertura das consciências em sentido solidário. [7] Antes, pode gerar uma certa saturação que anestesia e, em certa medida, relativiza a gravidade dos problemas. «Alguns comparam-se simplesmente em culpar, dos próprios males, os pobres e os países pobres, com generalizações indevidas, e pretendem encontrar a solução numa “educação” que os tranquilize e transforme em seres domesticados e inofensivos. Isto torna-se ainda mais irritante, quando os excluídos vêem crescer este câncer social que é a corrupção profundamente radicada em muitos países – nos seus governos, empresários e instituições – seja qual for a ideologia política dos governantes».[8]

Noutros casos, a indiferença manifesta-se como falta de atenção à realidade circundante, especialmente a mais distante. Algumas pessoas preferem não indagar, não se informar e vivem o seu bem-estar e o seu conforto, surdas ao grito de angústia da humanidade sofredora. Quase sem nos dar conta, tornámo-nos incapazes de sentir compaixão pelos outros, pelos seus dramas; não nos interessa ocupar-nos deles, como se aquilo que lhes sucede fosse responsabilidade alheia, que não nos compete.[9] «Quando estamos bem e comodamente instalados, esquecemo-nos certamente dos outros (isto, Deus Pai nunca o faz!), não nos interessam os seus problemas, nem as tribulações e injustiças que sofrem; e, assim, o nosso coração cai na indiferença: encontrando-me relativamen-

[4] Cf. Bento XVI, Carta enc. *Caritas in veritate*, 43.

[5] Cf. *ibid.*, 16.

[6] Carta enc. *Populorum progressio*, 42.

[7] «A sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos. A razão, por si só, é capaz de ver a igualdade entre os homens e estabelecer uma convivência cívica entre eles, mas não consegue fundar a fraternidade» (Bento XVI, Carta enc. *Caritas in veritate*, 19).

[8] Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 60.

[9] Cf. *ibid.*, 54.

te bem e confortável, esqueço-me dos que não estão bem».[10]

Vivendo nós numa casa comum, não podemos deixar de nos interrogar sobre o seu estado de saúde, como procurei fazer na Carta encíclica *Laudato si'*. A poluição das águas e do ar, a exploração indiscriminada das florestas, a destruição do meio ambiente são, muitas vezes, resultado da indiferença do homem pelos outros, porque tudo está relacionado. E de igual modo o comportamento do homem com os animais influi sobre as suas relações com os outros, [11] para não falar de quem se permite fazer noutros lugares aquilo que não ousa fazer em sua casa.[12]

Nestes e noutros casos, a indiferença provoca sobretudo fechamento e desinteresse, acabando assim por contribuir para a falta de paz com Deus, com o próximo e com a criação.

A PAZ AMEAÇADA PELA INDIFERENÇA GLOBALIZADA

4. A indiferença para com Deus supera a esfera íntima e espiritual da pessoa individual e investe a esfera pública e social. Como afirmava Bento XVI, «há uma ligação íntima entre a glorificação de Deus e a paz dos homens na terra».[13] Com efeito, «sem uma abertura ao transcendente, o homem cai como presa fácil do relativismo e, consequentemente, torna-se-lhe difícil agir de acordo com a justiça e compromete-

ter-se pela paz».[14] O esquecimento e a negação de Deus, que induzem o homem a não reconhecer qualquer norma acima de si próprio e a tomar como norma apenas a si mesmo, produziram crueldade e violência sem medida.[15]

A nível individual e comunitário, a indiferença para com o próximo – filha da indiferença para com Deus – assume as feições da inércia e da apatia, que alimentam a persistência de situações de injustiça e grave desequilíbrio social, as quais podem, por sua vez, levar a conflitos ou de qualquer modo gerar um clima de descontentamento que ameaça desembocar, mais cedo ou mais tarde, em violências e insegurança.

Neste sentido, a indiferença e consequente desinteresse constituem uma grave falta ao dever que cada pessoa tem de contribuir – na medida das suas capacidades e da função que desempenha na sociedade – para o bem comum, especialmente para a paz, que é um dos bens mais preciosos da humanidade.[16]

Depois, quando investe o nível institucional, a indiferença pelo outro, pela sua dignidade, pelos seus direitos fundamentais e pela sua liberdade, de braço dado com uma cultura orientada para o lucro e o hedonismo, favorece e às vezes justifica acções e políticas que acabam por constituir ameaças à paz. Este comportamento de indiferença pode chegar inclusivamente a justificar algumas políticas económicas deploráveis, precursoras de injustiças, divisões e

[10] *Mensagem para a Quaresma de 2015.*

[11] Cf. Carta enc. *Laudato si'*, 92.

[12] Cf. *ibid.*, 51.

[13] *Discurso por ocasião dos votos de Bom Ano Novo ao Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé*, 7 de Janeiro de 2013.

[14] *Ibidem.*

[15] Cf. Bento XVI, *Discurso durante o Dia de reflexão, diálogo e oração pela paz e a justiça no mundo*, Assis, 27 de Outubro de 2011.

[16] Cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 217-237.

COLECTÂNEA DE ORAÇÕES



CANTATA DA PAZ

Vemos, ouvimos e lemos
Não podemos ignorar
Vemos, ouvimos e lemos
Não podemos ignorar
Nós, o povo de Deus,
Reunidos imploramos
A graça da Paz
A graça da paz
Vemos, ouvimos e lemos
Relatórios da fome
O caminho da injustiça
A linguagem do terror
A bomba de Hiroshima
Vergonha de nós todos
Reduziu a cinza
A carne das crianças

O corpo humano foi
Queimado em Buchenwald
O corpo humano foi
Queimado em Buchenwald
Os países inventam
Bombas e prisões
A máquina produz
Perfeitas sujeições
E no terceiro mundo
Nos campos e na rua
A fome continua
A fome continua
D'África e Vietnam
Sobe a lamentação
Dos povos destruídos
Dos povos destroçados
Nos caminhos da terra
Os mapas continuam
De fome e sujeição
E continua a guerra
O cântico da flauta
E a música do banjo
Não podem apagar
O concerto dos gritos
Nada pode apagar
O concerto dos gritos
O nosso tempo é tempo
De pecado organizado

Sophia de Mello Breyner Andresen

que Cristo morreu e foi sepultado, mas não que Ele ressuscitou para a História cristã, tanto como para Deus Pai e, portanto crês que o tempo cristão existe para nada – ou para acção e diversão dos demónios, tão só! – que não existe progresso moral nem ético-jurídico e que portanto tudo quanto fez o romano ou o grego ou o judeu vetero-testamentário é e há-de ser paradigma da acção individual, racional e internacional, para todo o sempre.

A Paz – e portanto a guerra – depende de ti, cristão, se crês e difundes o “bom-senso” de que a moral cristã vale no foro da consciência, é talvez muito boa para salvar a tua preciosa alminha, mas pouco vale para com o próximo e nada para com a comunidade humana, sobretudo se sociedade política, nacional ou internacional; que essa terá outro Evangelho, seja o de Maquiavel ou de Satan.

Não nos deixemos cair na indiferença que humilha, na habitação que anestesia o espírito e impede de descobrir a novidade, no cinismo que destrói.

Papa Francisco

A Paz – e portanto a guerra – depende de ti, cristão, se instrumentalizas o Evangelho, se mediatizas o Reino de Deus aos reinados dos césores, se condicionas o Verbo de Deus à razão ou razões humanas, se pões a Fé ao serviço dos interesses, individuais ou coletivos, se fazes da Moral cristã universal uma moral limitada pelas fronteiras da nação, ou do estado ou da classe, se voltas ao deus da tribo ou do império, em suma e para hoje, se fazes do Evangelho instrumento ao serviço quer da revolução social quer da conservação social.

A Paz – e portanto a guerra – depende de ti, cristão português, se curas “converter o Evangelho” ou “pregar outro Evangelho”, que não o de Cristo, e exiges que continuem a considerar-te católico e dos melhores (que, se não o fores e o admites, nada teríamos diretamente a dizer-te): que consideres os Lusíadas “Evangelho da Pátria” muito bem, nada temos a opor (embora a mentalidade fundamental do Épico, mesmo já para o seu tempo, fosse arcaizante e antes medieval que renascente), mas, para o cristão, não pode ser esse evangelho particular a julgar o único Evangelho, antes tem de ser por este interpretado e julgado.

A Paz – e portanto a guerra – depende de ti, cristão, se crês e proclamas ou fazes crer que o cristianismo, por ser um facto de consciência, não é mais que isso e que, portanto, à Igreja só podem interessar as almas (desencarnadas!) e não as sociedades, ou que um estado comum de perdição pode ser, para a consideração da Igreja, igual ao estado de salvação, e por conseguinte o seu ministério pastoral nada tem a ver com isso...

violências, que visam a consecução do bem-estar próprio ou o da nação. Com efeito, não é raro que os projectos económicos e políticos dos homens tenham por finalidade a conquista ou a manutenção do poder e das riquezas, mesmo à custa de espezinhar os direitos e as exigências fundamentais dos outros. Quando as populações vêem negados os seus direitos elementares, como o alimento, a água, os cuidados de saúde ou o trabalho, sentem-se tentadas a obtê-los pela força.[17]

Por fim, a indiferença pelo ambiente natural, favorecendo o desflorestamento, a poluição e as catástrofes naturais que desenraízam comunidades inteiras do seu ambiente de vida, constringendo-as à precariedade e à insegurança, cria novas pobreza, novas situações de injustiça com consequências muitas vezes desastrosas em termos de segurança e paz social. Quantas guerras foram movidas e quantas ainda serão travadas por causa da falta de recursos ou para responder à demanda insaciável de recursos naturais?[18]

DA INDIFERENÇA À MISERICÓRDIA: A CONVERSÃO DO CORAÇÃO

5. Quando, há um ano – na *Mensagem para o Dia Mundial da Paz* intitulada «já não escravos, mas irmãos» –, evoquei o primeiro ícone bíblico da fraternidade humana, o ícone de Caim e Abel (cf. Gn 4,1-16), fi-lo para evidenciar o modo como foi

traída esta primeira fraternidade. Caim e Abel são irmãos. Provêm ambos do mesmo ventre, são iguais em dignidade e criados à imagem e semelhança de Deus; mas a sua fraternidade de criaturas quebra-se. «Caim não só não suporta o seu irmão Abel, mas mata-o por inveja».[19] E assim o fratricídio torna-se a forma de traição, sendo a rejeição, por parte de Caim, da fraternidade de Abel a primeira ruptura nas relações familiares de fraternidade, solidariedade e respeito mútuo.

Então Deus intervém para chamar o homem à responsabilidade para com o seu semelhante, precisamente como fizera quando Adão e Eva, os primeiros pais, quebraram a comunhão com o Criador. «O Senhor disse a Caim: “Onde está o teu irmão Abel?” Caim respondeu: “Não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão?” O Senhor replicou: “Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama da terra até Mim”» (Gn 4,9-10).

Caim diz que não sabe o que aconteceu ao seu irmão, diz que não é o seu guardião. Não se sente responsável pela sua vida, pelo seu destino. Não se sente envolvido. É -lhe indiferente o seu irmão, apesar de ambos estarem ligados pela origem comum. Que tristeza! Que drama fraterno, familiar, humano! Esta é a primeira manifestação da indiferença entre irmãos. Deus, ao contrário, não é indiferente: o sangue de Abel tem grande valor aos seus olhos e pede contas dele a Caim. Assim, Deus reve-

[17] «Enquanto não se eliminar a exclusão e a desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos será impossível desarraigá-la a violência. Acusam-se da violência os pobres e as populações mais pobres, mas, sem igualdade de oportunidades, as várias formas de agressão e de guerra encontrarão um terreno fértil que, mais cedo ou mais tarde, há-de provocar a explosão. Quando a sociedade – local, nacional ou mundial – abandona na periferia uma parte de si mesma, não há programas políticos, nem forças da ordem ou serviços secretos que possam garantir indefinidamente a tranquilidade. Isto não acontece apenas porque a desigualdade social provoca a reacção violenta de quantos são excluídos do sistema, mas porque o sistema social e económico é injusto na sua raiz. Assim como o bem tende a difundir-se, assim também o mal consentido, que é a injustiça, tende a expandir a sua força nociva e a minar, silenciosamente, as bases de qualquer sistema político e social, por mais sólido que pareça» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 59).

[18] Cf. Carta enc. *Laudato si'*, 31; 48.

[19] *Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2015*, 2.



A PAZ, COMO A GUERRA, DEPENDE DE TI!*

la-Se, desde o início da humanidade, como Aquele que se interessa pelo destino do homem. Quando, mais tarde, os filhos de Israel se encontram na escravidão do Egípto, Deus intervém de novo. Diz a Moisés: «Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egípto, e ouvi o seu clamor diante dos seus inspectores; conheço, na verdade, os seus sofrimentos. Desci a fim de o libertar da mão dos egípcios e de o fazer subir desta terra para uma terra boa e espaçosa, para uma terra que mana leite e mel» (Ex 3,7-8). É importante notar os verbos que descrevem a intervenção de Deus: Ele observa, ouve, conhece, desce, liberta. Deus não é indiferente. Está atento e age.

De igual modo, no seu Filho Jesus, Deus desceu ao meio dos homens, encarnou e mostrou-Se solidário com a humanidade em tudo, excepto no pecado. Jesus identificava-Se com a humanidade: «o primogénito de muitos irmãos» (Rm 8,29). Não se contentava em ensinar às multidões, mas preocupava-Se com elas, especialmente quando as via famintas (cf. Mc 6,34-44) ou sem trabalho (cf. Mt 20,3). O seu olhar não Se fixava apenas nos seres humanos, mas também nos peixes do mar, nas aves do céu, na erva e nas árvores, pequenas e grandes; abraçava a criação inteira. Ele vê sem dúvida, mas não Se limita a isso, pois toca as pessoas, fala com elas, age em seu favor e faz bem a quem precisa. Mais ainda, deixa-Se comover e chora (cf. Jo 11,33-44). E age para acabar com o sofrimento, a tristeza, a miséria e a morte.

Jesus ensina-nos a ser misericordiosos como o Pai (cf. Lc 6,36). Na parábola do bom samaritano (cf. Lc 10,29-37), denuncia a omissão de ajuda numa necessidade urgente dos seus semelhantes: «ao vê-lo, passou adiante» (Lc 10,32). Ao mesmo tempo, com este exemplo, convida os seus ouvintes, e particularmente os seus discípulos, a aprenderem a parar junto dos sofrimentos deste

mundo para os aliviar, junto das feridas dos outros para as tratar com os recursos de que disponham, a começar pelo próprio tempo apesar das muitas ocupações. Na realidade, muitas vezes a indiferença procura pretextos: na observância dos preceitos rituais, na quantidade de coisas que é preciso fazer, nos antagonismos que nos mantêm longe uns dos outros, nos preconceitos de todo o género que impedem de nos fazermos próximo.

A misericórdia é o coração de Deus. Por isso deve ser também o coração de todos aqueles que se reconhecem membros da única grande família dos seus filhos; um coração que bate forte onde quer que esteja em jogo a dignidade humana, reflexo do rosto de Deus nas suas criaturas. Jesus adverte-nos: o amor aos outros – estrangeiros, doentes, encarcerados, pessoas sem abrigo, até inimigos – é a unidade de medida de Deus para julgar as nossas acções. Disso depende o nosso destino eterno. Não é de admirar que o apóstolo Paulo convide os cristãos de Roma a alegrar-se com os que se alegram e a chorar com os que choram (cf. Rm 12,15), ou recomende aos de Corinto que organizem colectas em sinal de solidariedade com os membros sofredores da Igreja (cf. 1 Cor 16,2-3). E São João escreve: «Se alguém possuir bens deste mundo e, vendo o seu irmão com necessidade, lhe fechar o seu coração, como é que o amor de Deus pode permanecer nele?» (1 Jo 3,17; cf. Tg 2,15-16).

É por isso que «é determinante para a Igreja e para a credibilidade do seu anúncio que viva e testemunhe, ela mesma, a misericórdia. A sua linguagem e os seus gestos, para penetrarem no coração das pessoas e desafiá-las a encontrar novamente a estrada para regressar ao Pai, devem irradiar misericórdia. A primeira verdade da Igreja é o amor de Cristo. E, deste amor que vai até ao perdão e ao dom de si mesmo, a Igreja

A Paz – e portanto a guerra – depende de ti, cristão, que fazes do teu Deus objeto de consumo e que, esquecido de “quão perigoso é falar de Deus” (Orígenes) “usas – e abusas – do Santo Nome de Deus em vão”.

A Paz – e portanto a guerra – depende de ti, cristão, que continuas a viver no tempo mental do Antigo Testamento, ou do Império sacral pagão, e adorar o Deus Sabaot, o Deus dos exércitos ou o Forte da montanha, porventura o deus Marte, em vez de Deus-Pai universal, revelado em Cristo.

A Paz – e portanto a guerra – depende de ti, cristão, se esqueces cuidadosamente que, em civilização cristã, só Cristo pode salvar-nos, isto é, que só “a impotência de Deus, no Seu Cristo-Jesus, nos ajuda” (Bonhoeffer), só ela é verdadeiramente salvadora da pessoa, e civilizacional das mentalidades, e civilizadora dos povos.

A Paz – e portanto a guerra – depende de ti, cristão, se tornas a Cruz, sinal supremo de resgate, paz e reconciliação, dos indivíduos e dos povos, como guião de cruzadas, como aliada natural da espada e lábaro de conquistas ou pacificações violentas.

A Paz – e portanto a guerra – depende de ti, cristão, se crês e pregas que a Igreja ou o cristianismo não podem avançar senão à sombra duma soberania temporal e que o padroado real deve ou deveria ser sempre o modelo da evangelização cristã.

A Paz – e portanto a guerra – depende de ti, cristão, se proclamas e crês porventura o Credo, mas não crês, com fé cristã e teológica, nas Bem-aventuranças, nem portanto na Cruz redentora.

A Paz – e portanto a guerra – depende de ti, cristão, se proclamas a tua fé católica e triunfal, mas não crês, com fé teológica cristã (embora porventura admitas que isso possa ser música celestial), não crês que “são bem-aventurados os mansos, os quais finalmente possuirão a terra”, que “são bem-aventurados os esfomeados e sedentos de justiça, porque serão saciados”, que “são bem-aventurados os misericordiosos, os puros de coração, os obreiros da paz, os quais obterão misericórdia, verão a face de Deus e serão chamados Seus filhos”.

A Paz – e portanto a guerra – depende de ti, cristão, se acreditas apenas e totalmente

* D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES — *Homilias da Paz (1970-1982)*. Porto: Fundação Spes, 1999, p. 72-74: Homilia do Dia Mundial da Paz de 1 de Janeiro de 1974.

desconsideração da violação dos direitos humanos, a subestimação da Ética e dos valores civilizacionais, e uma anomia social associada ao conformismo balofo com um consumismo fácil, irresponsável e alienante.

Às vezes, tem-se a impressão de que está para repetir a cena do Titanic: enquanto os privilegiados passageiros daquela espectacular viagem se divertiam e dançavam, o magnífico barco ia metendo água com o resultado trágico que conhecemos...

Para enfrentar a situação, um dos obstáculos a vencer consiste, precisamente, em não nos deixarmos dominar por uma cultura de indiferença e entreter com os seus correspondentes disfarces, nomeadamente um sentimento generalizado de impotência face à complexidade das problemáticas em causa, usado como um pretenso justificativo para a fuga deliberada ao conhecimento da realidade (não querer saber, não querer interpretar, resignar-se à superficialidade das aparências, não buscar as causas,...) e de passividade face à necessária mudança de atitudes e comportamentos pessoais que está ao nosso alcance e há-de reflectir-se no nosso modo de estar, de viver e conviver.

É este também o tempo oportuno para desenvolver uma nova solidariedade, como foi lembrado no Encontro de verão aos milhares de jovens reunidos em Taizé, uma solidariedade que se alimente da comunhão do nosso destino universal, da capacidade de assumir como nossas as necessidades do nosso próximo, de sabermos situar-nos em horizontes não míopes.

Vós que viveis tranquilos
Nas vossas casas aquecidas,
Vós que encontráis regressando à noite

Comida quente e rostos amigos:

*Considerai se isto é um homem
Quem trabalha na lama
Quem não conhece a paz
Quem luta por meio pão
Quem morre por um sim ou por um não.*

*Considerai se isto é uma mulher,
Sem cabelo e sem nome
Sem mais força para recordar
Vazios os olhos e frio o regaço
Como uma rã no Inverno.*

*Meditai que isto aconteceu:
Recomendo-vos estas palavras.
Esculpi-as no vosso coração
Estando em casa, andando pela rua,
Ao deitar-vos e ao levantar-vos;
Repeti-as aos vossos filhos.*

Primo Levy

faz-se serva e mediadora junto dos homens. Por isso, onde a Igreja estiver presente, aí deve ser evidente a misericórdia do Pai. Nas nossas paróquias, nas comunidades, nas associações e nos movimentos — em suma, onde houver cristãos —, qualquer pessoa deve poder encontrar um oásis de misericórdia».[20]

Deste modo, também nós somos chamados a fazer do amor, da compaixão, da misericórdia e da solidariedade um verdadeiro programa de vida, um estilo de comportamento nas relações de uns com os outros. [21] Isto requer a conversão do coração, isto é, que a graça de Deus transforme o nosso coração de pedra num coração de carne (cf. Ez 36, 26), capaz de se abrir aos outros com autêntica solidariedade. Com efeito, esta é muito mais do que um «sentimento de compaixão vaga ou de enternecimento superficial pelos males sofridos por tantas pessoas, próximas ou distantes».[22] A solidariedade «é a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum, ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos»,[23] porque a compaixão brota da fraternidade.

Assim entendida, a solidariedade constitui a atitude moral e social que melhor dá resposta à tomada de consciência das chagas do nosso tempo e da inegável interdependência que se verifica cada vez mais, especialmente num mundo globalizado, entre a vida do indivíduo e da sua comunidade num determinado lugar e a de outros homens e mulheres no resto do mundo.[24]

FOMENTAR UMA CULTURA DE SOLIDARIEDADE E MISERICÓRDIA PARA SE VENCER A INDIFERENÇA

6. A solidariedade como virtude moral e comportamento social, fruto da conversão pessoal, requer empenho por parte duma multiplicidade de sujeitos que detêm responsabilidades de carácter educativo e formativo.

Penso em primeiro lugar nas famílias, chamadas a uma missão educativa primária e imprescindível. Constituem o primeiro lugar onde se vivem e transmitem os valores do amor e da fraternidade, da convivência e da partilha, da atenção e do cuidado pelo outro. São também o espaço privilegiado para a transmissão da fé, a começar por aqueles primeiros gestos simples de devoção que as mães ensinam aos filhos.[25]

Quanto aos educadores e formadores que têm a difícil tarefa de educar as crianças e os jovens, na escola ou nos vários centros de agregação infantil e juvenil, devem estar cientes de que a sua responsabilidade envolve as dimensões moral, espiritual e social da pessoa. Os valores da liberdade, respeito mútuo e solidariedade podem ser transmitidos desde a mais tenra idade. Dirigindo-se aos responsáveis das instituições que têm funções educativas, Bento XVI afirmava: «Possa cada ambiente educativo ser lugar de abertura ao transcendente e aos outros; lugar de diálogo, coesão e escuta, onde o jovem se sinta valorizado nas suas capacidades e riquezas interiores e aprenda a apreciar os irmãos. Possa ensinar a saborear a alegria que deriva de viver dia após dia a caridade e a compaixão para

[20] Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia *Misericordiae Vultus*, 12.

[21] Cf. *ibid.*, 13.

[22] João Paulo II, Carta enc. *Sollicitudo rei socialis*, 38.

[23] *Ibidem*.

[24] Cf. *Ibidem*.

[25] Cf. *Catequese*, na Audiência Geral de 7 de Janeiro de 2015.

com o próximo e de participar activamente na construção duma sociedade mais humana e fraterna».[26]

Também os agentes culturais e dos meios de comunicação social têm responsabilidades no campo da educação e da formação, especialmente na sociedade actual onde se vai difundindo cada vez mais o acesso a instrumentos de informação e comunicação. Antes de mais nada, é dever deles colocar-se ao serviço da verdade e não de interesses particulares. Com efeito, os meios de comunicação «não só informam, mas também formam o espírito dos seus destinatários e, conseqüentemente, podem concorrer notavelmente para a educação dos jovens. É importante ter presente a ligação estreitíssima que existe entre educação e comunicação: de facto, a educação realiza-se por meio da comunicação, que influi positiva ou negativamente na formação da pessoa».[27] Os agentes culturais e dos meios de comunicação social deveriam também vigiar por que seja sempre lícito, jurídica e moralmente, o modo como se obtém e divulgam as informações.

A PAZ, FRUTO DUMA CULTURA DE SOLIDARIEDADE, MISERICÓRDIA E COMPAIXÃO

7. Conscientes da ameaça duma globalização da indiferença, não podemos deixar de reconhecer que, no cenário acima descrito, inserem-se também numerosas iniciativas e acções positivas que testemunham a compaixão, a misericórdia e a solidariedade de que o homem é capaz.

Quero recordar alguns exemplos de louvável empenho, que demonstram como cada um pode vencer a indiferença, quando opta por não afastar o olhar do seu próximo, e

constituem passos salutareis no caminho rumo a uma sociedade mais humana.

Há muitas organizações não-governamentais e grupos sócio-caritativos, dentro da Igreja e fora dela, cujos membros, por ocasião de epidemias, calamidades ou conflitos armados, enfrentam fadigas e perigos para cuidar dos feridos e doentes e para sepultar os mortos. Ao lado deles, quero mencionar as pessoas e as associações que socorrem os emigrantes que atravessam desertos e sulcam mares à procura de melhores condições de vida. Estas acções são obras de misericórdia corporal e espiritual, sobre as quais seremos julgados no fim da nossa vida.

Penso também nos jornalistas e fotógrafos, que informam a opinião pública sobre as situações difíceis que interpelam as consciências, e naqueles que se comprometem na defesa dos direitos humanos, em particular os direitos das minorias étnicas e religiosas, dos povos indígenas, das mulheres e das crianças, e de quantos vivem em condições de maior vulnerabilidade. Entre eles, contam-se também muitos sacerdotes e missionários que, como bons pastores, permanecem junto dos seus fiéis e apoiam-nos sem olhar a perigos e adversidades, em particular durante os conflitos armados.

Além disso, quantas famílias, no meio de inúmeras dificuldades laborais e sociais, se esforçam concretamente, à custa de muitos sacrifícios, por educar os seus filhos «contracorrente» nos valores da solidariedade, da compaixão e da fraternidade! Quantas famílias abrem os seus corações e as suas casas a quem está necessitado, como os refugiados e os emigrantes! Quero agradecer de modo particular a todas as pessoas, famílias, paróquias, comunidades religiosas, mosteiros e santuários que res-



VENCER A INDIFERENÇA PARA CONQUISTAR A PAZ*

É preciso abrir os olhos para ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãos privados da sua dignidade e escutar o seu grito de ajuda.

(Papa Francisco, in O rosto da misericórdia, n. 15)

Abrir os olhos à realidade em que estamos inseridos e dar conta das situações dramáticas em que vivem hoje muitos seres humanos nossos contemporâneos constitui um desafio primordial que, todavia, não é fácil acolher juntamente com o correspondente sentido de responsabilidade humana. Para o crente, trata-se de não se esquivar à pergunta do Criador: *que fizeste do teu irmão?*

Hoje, infelizmente, a interrogação bíblica primordial cobre um vasto espectro de situações dramáticas: a miséria sofrida por milhões de pessoas que persiste em todo o mundo, apesar da acumulação da riqueza improdutiva e dos recursos disponíveis mal distribuídos; as vítimas das perseguições religiosas e étnicas que dizimam populações inteiras; os conflitos armados que se multiplicam em vastos territórios do Planeta e diariamente tiram a vida a milhares de

pessoas, os imigrantes que perdem a vida em viagens arriscadas ou apenas sobrevivem em condições dramáticas; o terrorismo e a barbárie que não deixam de crescer desde o fatídico 11 Setembro 2001 e que ceifam vidas inocentes e destroem impunemente património secular da Humanidade.

Face a esta realidade, poderemos sentir a tentação de Caim que o leva a responder: *sou eu, porventura responsável pela vida do meu irmão?*

Resposta inaceitável, porque não ocupamos uma nave espacial isolada. Habitamos o mesmo planeta. Somos parte da mesma família humana. Transportamos individualmente e colectivamente a responsabilidade de tornar possível uma paz justa e duradoura.

O que a realidade circundante nos mostra é que a paz está seriamente ameaçada e não se vislumbra, por ora, uma trajectória segura para obstar à espiral de violência que parece ter-se instalado com a globalização desregulada das economias, o crescente poder de uma financeirização sem rosto, a escalada dos grandes negócios de armas, de drogas e de tráfico humano, de par com a

[26] Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2012, 2.

[27] Ibidem.

* MANUELA SILVA (Setembro 2015). In <http://www.fundacao-betania.org/betania/index.php/ct-menu-item-5/132-edm-09-2015>

receavam. Não sentiam coisa nenhuma. Estavam mortos e não sabiam.

Enraizados na nossa tradição, alguns de nós achávamos que o pior não era sermos abandonados pela humanidade. Parecia-nos que sermos abandonados por Deus era pior do que sermos castigados por Ele. Um Deus injusto teria sido preferível a um Deus indiferente. Para nós, sermos ignorados por Deus era uma pena maior do que sermos vítimas da Sua ira. O homem pode viver longe de Deus, mas não pode viver fora de Deus. Deus encontra-Se onde quer que nós estejamos. Mesmo na dor? Mesmo na dor.

De certa maneira, ser indiferente àquele sofrimento torna o ser humano desumano. A indiferença é mais perigosa do que a ira e o ódio. A ira pode ser criativa – pode permitir escrever um grande poema, uma sinfonia grandiosa. A pessoa faz coisas especiais pela humanidade porque se sente irada com as injustiças que testemunha. Mas a indiferença nunca é criativa. Até o ódio pode por vezes suscitar uma reação. A pessoa combate o ódio, censura o ódio, desarma o ódio. Mas a indiferença não suscita reação alguma.

A indiferença não é uma resposta. A indiferença não é um começo; é um fim. Por isso, a indiferença é sempre aliada do inimigo, é sempre benéfica ao agressor, nunca à sua vítima, cuja dor é amplificada quando se sente esquecida. O prisioneiro político fechado na cela, a criança faminta, o refugiado sem casa – não reagir a este sofrimento, não aliviar a solidão destas pessoas proporcionando-lhes uma centelha de esperança, é exilá-las da memória dos homens. E, ao negar-lhes a humanidade delas, estamos a atrair para a nossa humanidade.

Por isso, a indiferença não é só um pecado, é um castigo. E esta é uma das lições mais importantes a retirar da ampla gama de experiências de bem e de mal que este século [XX] viveu.

Deus pergunta a cada um de nós: «Onde está o sangue do teu irmão que clama até Mim?» Hoje ninguém no mundo se sente responsável por isso; perdemos o sentido da responsabilidade fraterna; caímos na atitude hipócrita do sacerdote e do levita de que falava Jesus na parábola do Bom Samaritano: ao vermos o irmão quase morto na beira da estrada, talvez pensemos «coitado» e prosseguimos o nosso caminho, não é dever nosso; e isto basta para nos tranquilizarmos, para sentirmos a consciência em ordem. A cultura do bem-estar, que nos leva a pensar em nós mesmos, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros, faz-nos viver como se fôssemos bolas de sabão: estas são bonitas mas não são nada, são pura ilusão do fútil, do provisório. Esta cultura do bem-estar leva à indiferença a respeito dos outros; antes, leva à globalização da indiferença. Neste mundo da globalização, caímos na globalização da indiferença.

Papa Francisco

ponderam prontamente ao meu apelo a acolher uma família de refugiados.[28]

Quero, enfim, mencionar os jovens que se unem para realizar projectos de solidariedade, e todos aqueles que abrem as suas mãos para ajudar o próximo necessitado nas suas cidades, no seu país ou noutras regiões do mundo. Quero agradecer e encorajar todos aqueles que estão empenhados em acções deste género, mesmo sem gozar de publicidade: a sua fome e sede de justiça serão saciadas, a sua misericórdia far-lhes-á encontrar misericórdia e, como obreiros da paz, serão chamados filhos de Deus (cf. Mt 5,6-9).

A PAZ, SOB O SIGNO DO JUBILEU DA MISERICÓRDIA

8. No espírito do Jubileu da Misericórdia, cada um é chamado a reconhecer como se manifesta a indiferença na sua vida e a adoptar um compromisso concreto que contribua para melhorar a realidade onde vive, a começar pela própria família, a vizinhança ou o ambiente de trabalho.

Também os Estados são chamados a cumprir gestos concretos, actos corajosos a bem das pessoas mais frágeis da sociedade, como os reclusos, os migrantes, os desempregados e os doentes.

Relativamente aos reclusos, urge em muitos casos adoptar medidas concretas para melhorar as suas condições de vida nos estabelecimentos prisionais, prestando especial atenção àqueles que estão privados da liberdade à espera de julgamento, [29] tendo em mente a finalidade reabilitativa da sanção penal e avaliando a possibilidade de inserir nas legislações nacionais penas alternativas à detenção carcerária. Neste contexto, desejo renovar às autoridades estatais o apelo a abolir a pena de mor-

te, onde ainda estiver em vigor, e a considerar a possibilidade duma amnistia.

Quanto aos migrantes, quero dirigir um convite a repensar as legislações sobre as migrações, de modo que sejam animadas pela vontade de dar hospitalidade, no respeito pelos recíprocos deveres e responsabilidades, e possam facilitar a integração dos migrantes. Nesta perspectiva, dever-se-ia prestar especial atenção às condições para conceder a residência aos migrantes, lembrando-se de que a clandestinidade traz consigo o risco de os arrastar para a criminalidade.

Desejo ainda, neste Ano Jubilar, formular um premente apelo aos líderes dos Estados para que realizem gestos concretos a favor dos nossos irmãos e irmãs que sofrem pela falta de *trabalho, terra e tecto*. Penso na criação de empregos dignos para contrastar a chaga social do desemprego, que lesa um grande número de famílias e de jovens e tem consequências gravíssimas no bom andamento da sociedade inteira. A falta de trabalho afecta, fortemente, o sentido de dignidade e de esperança, e só parcialmente é que pode ser compensada pelos subsídios, embora necessários, para os desempregados e suas famílias. Especial atenção deveria ser dedicada às mulheres — ainda discriminadas, infelizmente, no campo laboral — e a algumas categorias de trabalhadores, cujas condições são precárias ou perigosas e cujos salários não são adequados à importância da sua missão social.

Finalmente, quero convidar à realização de acções eficazes para melhorar as condições de vida dos doentes, garantindo a todos o acesso aos cuidados sanitários e aos medicamentos indispensáveis para a vida, incluindo a possibilidade de tratamentos domiciliários.

[28] Cf. *Angelus* de 6 de Setembro de 2015.

[29] Cf. *Discurso à delegação da Associação Internacional de Direito Penal*, 23 de Outubro de 2014.

E, estendendo o olhar para além das próprias fronteiras, os líderes dos Estados são chamados também a renovar as suas relações com os outros povos, permitindo a todos uma efectiva participação e inclusão na vida da comunidade internacional, para que se realize a fraternidade também dentro da família das nações.

Nesta perspectiva, desejo dirigir um tríplice apelo: apelo a abster-se de arrastar os outros povos para conflitos ou guerras que destroem não só as suas riquezas materiais, culturais e sociais, mas também — e por longo tempo — a sua integridade moral e espiritual; apelo ao cancelamento ou gestão sustentável da dívida internacional dos Estados mais pobres; apelo à adopção de políticas de cooperação que, em vez de submeter à ditadura dalgumas ideologias, sejam respeitadoras dos valores das populações locais e, de maneira nenhuma, lesem o direito fundamental e inalienável dos nascituros à vida.

Confio estas reflexões, juntamente com os melhores votos para o novo ano, à intercessão de Maria Santíssima, Mãe solícita pelas necessidades da humanidade, para que nos obtenha de seu Filho Jesus, Príncipe da Paz, a satisfação das nossas súplicas e a bênção do nosso compromisso diário por um mundo fraterno e solidário.

Vaticano, no dia da Solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria e da Abertura do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, 8 de Dezembro de 2015.

Francisco

No decurso deste século atormentado, homens e mulheres de consciência combateram, primeiro pelo direito à igualdade e depois pelo direito à diferença. Mas há um direito que não devemos reconhecer a ninguém: o direito à indiferença.

Elie Wiesel



... NÃO PODEMOS FICAR INDIFERENTES!

OS PERIGOS DA INDIFERENÇA*

Encontramo-nos no limiar de um novo século, de um novo milénio. Qual será o legado deste século que agora desaparece? Como será ele recordado no novo milénio? Será certamente julgado, e julgado de forma severa, tanto em termos morais como em termos metafísicos. Estes fracassos lançaram uma sombra negra sobre a humanidade: duas guerras mundiais, inúmeras guerras civis, uma cadeia de assassinios absurdos (Ghandi, os Kennedy, Martin Luther King, Sadat, Rabin), banhos de sangue no Camboja e na Nigéria, na Índia e no Paquistão, na Irlanda e no Ruanda, na Eritreia e na Etiópia, em Sarajevo e no Kosovo; a desumanidade *dogulag* e a Tragédia de Hiroxima. E, a outro nível, evidentemente, Auschwitz e Treblinka. Tanta violência; tanta indiferença.

O que é a indiferença? Etimologicamente, a palavra significa «ausência de diferença». Trata-se de um estado peculiar e bizarro em que a fronteira que separa a luz da escuridão, o lusco-fusco da aurora, o crime do castigo, a crueldade da compaixão, o bem do mal — em que essa fronteira se dilui.

E que consequências resultam inevitavelmente desse facto? Uma filosofia? Será concebível uma filosofia da indiferença? Poderemos alguma vez considerar a indiferença uma

virtude? Será ocasionalmente necessário praticá-la, nem que seja para mantermos a sanidade mental, para podermos viver com normalidade, para apreciarmos uma boa refeição e um copo de vinho, enquanto à nossa volta o mundo sofre perturbações devastadoras?

Certamente que a indiferença é uma tentação; mais do que isso, a indiferença é sedutora. É muito mais fácil desviar os olhos das vítimas. É muito mais fácil evitar essas interrupções desagradáveis no trabalho, nos sonhos, nas esperanças. Pensando bem, é estranho e perturbador sermos agarrados pela dor e pelo desespero de outra pessoa. E contudo, o indiferente está rodeado de pessoas que não têm qualquer significado para ele, cujas vidas são desprovidas de sentido, cuja angústia, oculta ou visível, é desprovida de interesse. A indiferença reduz o outro a uma abstração.

Por detrás dos portões de Auschwitz, os prisioneiros mais trágicos eram os *Muselmänner*, como lhes chamavam. Enrolados em farrapos de mantas, sentados ou deitados no chão, olhavam fixamente o vazio, sem saber quem eram ou onde estavam — estranhos a tudo quando os rodeava. Tinham deixado de sentir dor, de ter fome e sede. Nada

* Discurso pronunciado por Elie Wiesel na “VII Noite do Milénio na Casa Branca”, Washington, a 12 de Abril de 1999. In *Discursos que mudaram o mundo*. Introd. Simon Sebag Montefiore. Lisboa: Difel, 2009.

O inferno já estava cheio e fora havia ainda uma longa fila de pessoas para entrar. O diabo veio cá fora e proclamou:

– Há só um lugar livre e, como é lógico, deve ser para o maior dos pecadores.

E começou a examinar os pecadores que estavam na fila. A certo momento, viu um em quem não tinha reparado antes e perguntou-lhe:

– Tu o que é que fizeste?

– Nada. Eu sou um homem bom e estou aqui por engano.

– Certamente fizeste alguma coisa. Todos fazem alguma coisa.

O homem convencido disse:

– É verdade. Mas eu nunca me meti em nada. Vi como os homens perseguiram outros homens, como as crianças morriam de fome e eram vendidas como escravos, vi como os idosos eram marginalizados como se fossem lixo... Mas eu resisti sempre à tentação de me meter nessas coisas sujas e nada fiz. Nada!

O diabo, incrédulo, perguntou-lhe:

– Tens a certeza que viste isso tudo? E não fizeste nada?

– Vi tudo com os meus olhos.

O diabo insistiu:

– E não fizeste nada?

– Não!

Então o diabo sorriu e disse:

– Entra, meu amigo. O lugar livre é para ti!

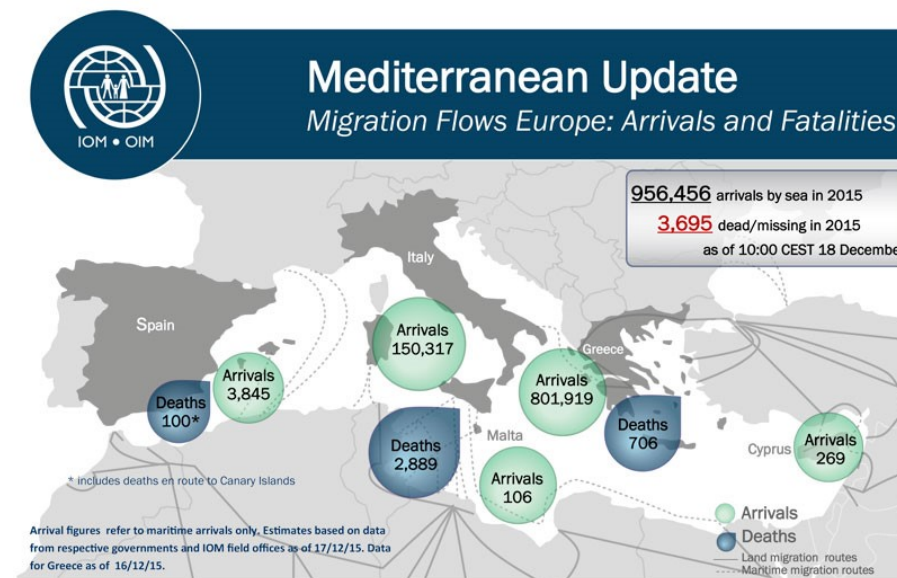


VEMOS, OUVIMOS E LEMOS...

MAR MEDITERRÂNEO... UM CEMITÉRIO DE REFUGIADOS*

De acordo com a Organização Mundial para a Migrações, até 18 de Dezembro de 2015, 3.695 migrantes perderam a vida ou desapareceram no ano de 2015, na tentativa de

atravessarem a região do Mediterrâneo – 30 vezes mais do que no mesmo período de 2014.



* <http://www.iom.int/news/eu-migrant-refugee-arrivals-land-and-sea-approach-one-million-2015>



2014: NOVO RECORDE NA DESLOCAÇÃO GLOBAL*

O relatório **Tendências Globais**, do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) divulgado no dia 18 de junho de 2015, revela que até 31 de dezembro de 2014, o número de pessoas forçadas a deixar as suas casas, por motivo de guerras, conflitos e perseguições, atingiu os 59,5 milhões de migrantes forçados.

Desses 59,5 milhões,

* 19,5 milhões eram refugiados (14,4 milhões sob mandato do ACNUR e 5,1 milhões registados pela UNRWA),

* 38,2 milhões eram deslocados internos e

* 1,8 milhão eram solicitantes de refúgio.

CRISTIANISMO: RELIGIÃO MAIS PERSEGUIDA EM TODO O MUNDO

Segundo o relatório da Fundação Ajuda à Igreja que Sofre*, *"Perseguidos e esquecidos? Um Relatório sobre os Cristãos Oprimidos por causa da sua Fé 2013-2015"*, 80% da perseguição religiosa tem por alvo cristãos, que em algumas partes do mundo são ameaçados de genocídio. O Cristianismo estará em vias de extinção no coração de muitas das regiões bíblicas no espaço de uma geração, senão antes.

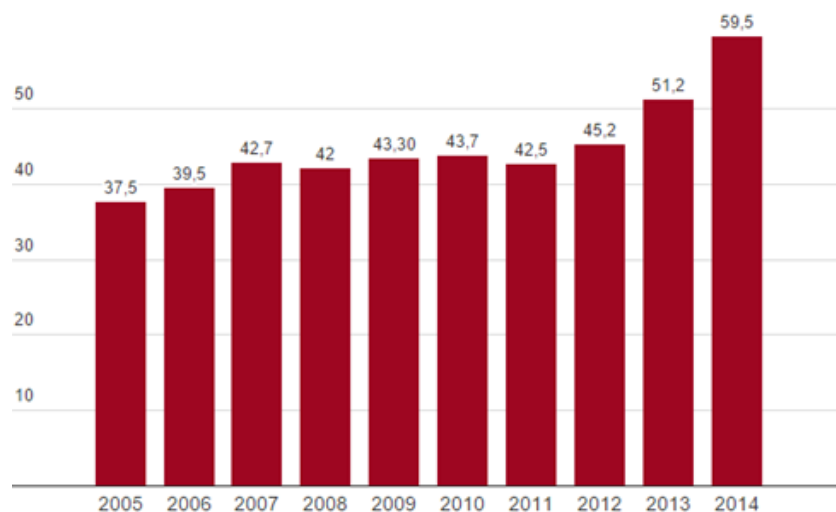
A *Open Doors*** estima que todos os meses:

* **322** cristãos são mortos por causa da sua fé,

* **214** igrejas e propriedades de cristãos são destruídas e

* **772** formas de violência são cometidas contra cristãos (*tais como espancamentos, raptos, violações, prisões, casamentos forçados*).

PESSOAS DESLOCADAS DEVIDO A GUERRAS, EM MILHÕES



* <http://refugiados.net/1cpr/www/global-trends31dez14.php>



* <http://www.fundacao-ais.pt>

** <https://www.opendoorsusa.org>



1.674 MIL MILHÕES DE EUROS GASTOS EM DESPESAS MILITARES EM 2014*

A despesa militar global foi de 1.776 mil milhões de dólares (1.674 mil milhões de euros), em 2014, verificando-se, no entanto, um recuo pelo terceiro ano consecutivo.

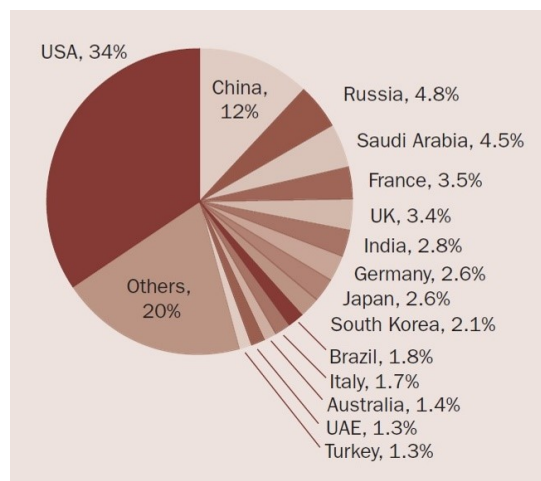
A cada minuto são gastos no mundo 3,4 milhões de dólares com objectivos militares, ou seja 204 milhões por hora ou 4.900 milhões de dólares diários.

Os cinco maiores gastadores em 2014 foram EUA, China, Rússia, Arábia Saudita e França.

China, Rússia e Arábia Saudita continuam a fazer aumentos substanciais nas despesas militares.

Aumento de 17% por parte da Arábia Saudita foi o maior de qualquer país no top 15 dos gastadores militares em 2014.

Um total de 20 países — concentrados na África, Europa Oriental e Médio Oriente — gastou mais de 4% do seu PIB com o exército em 2014.



* <http://books.sipri.org/files/FS/SIPRIFS1504.pdf>



15 NOVOS CONFLITOS SURTIRAM OU FORAM RETOMADOS NOS ÚLTIMOS 5 ANOS*

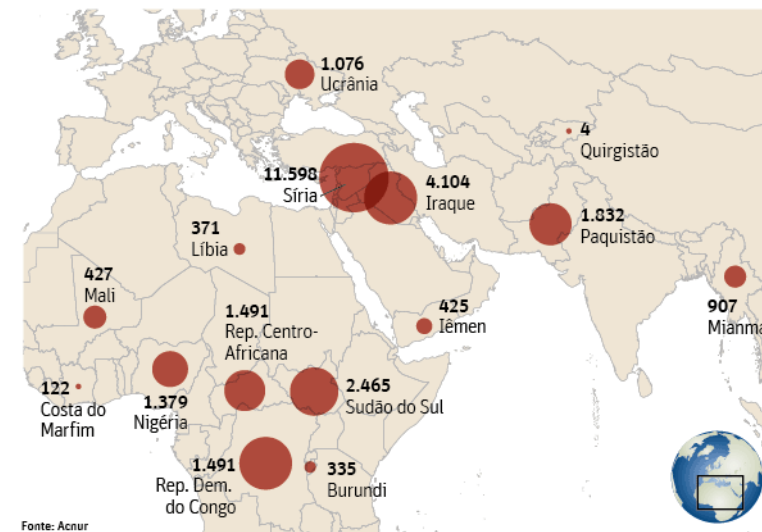
Nos últimos cinco anos, iniciaram-se pelo menos 15 conflitos ou foram retomados: oito na África (Costa do Marfim, República Centro Africana, Líbia, Mali, nordeste da Nigéria, República Democrática do Congo, Sudão do Sul e Burundi, este ano); três no Médio Ori-

ente (Síria, Iraque e Iémen); um na Europa (Ucrânia); e três na Ásia (Quirguistão e em diferentes áreas de Mianmar e Paquistão).

Poucas dessas crises foram solucionadas e muitas continuam a gerar novas deslocções.

15 CONFLITOS QUE MAIS CAUSARAM DESLOCAMENTOS NOS ÚLTIMOS 5 ANOS

Em milhões de pessoas



Fonte: Acnur

* <http://refugiados.net/1cpr/www/global-trends31dez14.php>



NÚMERO DE MORTES POR TERRORISMO AUMENTA 80% EM 2014*

As mortes por terrorismo aumentaram 80% no último ano, alcançando o nível mais alto jamais registado. 32,658 pessoas morreram, em comparação com 18,111 em 2013.

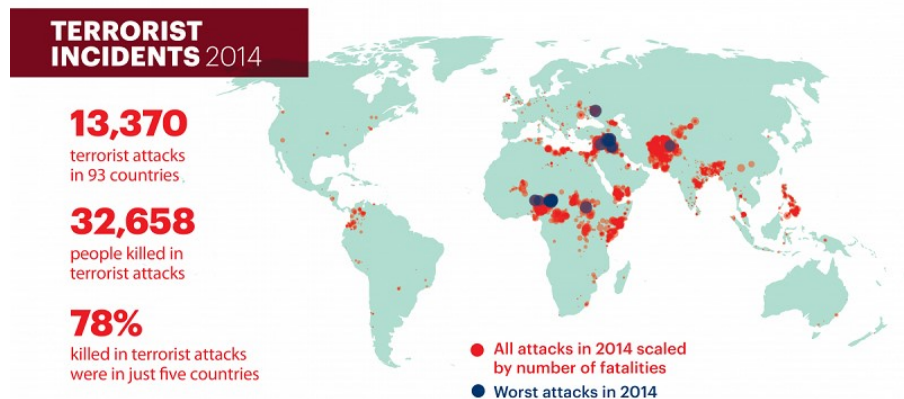
O Boko Haram e o Estado Islâmico foram, conjuntamente, responsáveis por 51% do total de mortos em 2014.

78% das mortes e 57% dos ataques ocorreram apenas em 5 países: Afeganistão, Iraque, Nigéria, Paquistão e Síria.

O Iraque continua a ser o país com maior impacto por terrorismo com 9,929 mortes, o número mais alto registado para um único país.

A Nigéria experimentou o aumento mais alto em actividades terroristas, com 7,512 mortos em 2014, 300% mais que em 2013.

Desde 2000, houve mais de 61,000 ataques terroristas, matando mais de 140,000 pessoas.



* <http://www.visionofhumanity.org/#/page/our-gti-findings>



HOMICÍDIO VITIMOU APROXIMADAMENTE 475 MIL PESSOAS EM TODO O MUNDO EM 2012*

Em 2012 estima-se que 475 mil pessoas no mundo foram vítimas de homicídio, o que resulta numa taxa total de 6,7 por cem mil pessoas.

Os homens correspondem a 82% de todas as vítimas de homicídio, com taxas estimadas mais de quatro vezes aquela das mulheres – 10,8 e 2,5, respectivamente, por cem mil

pessoas. Em termos globais, as maiores taxas de homicídio estimadas encontram-se no grupo de homens entre 15 e 29 anos de idade, 18,2 por cem mil pessoas. As estimativas entre mulheres variam de 1,2 por cem mil pessoas, para o grupo etário de 5 a 14 anos de idade, até 3,2 por cem mil pessoas, para o grupo etário entre 15 e 29 anos de idade.



* http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/145087/15/WHO_NMH_NVI_14.2_por.pdf?ua=1